

REVISTA

# bulunga

junho de 2024 - número 30



O entrevistado deste mês é um

# BURACO NEGRO

## EDITORIAL

Chegamos ao número 30. O que isso significa? Significa que tivemos 29 outros números anteriores a este. Bela conclusão! Não foi uma tarefa fácil, mas também não foi assim tão difícil. Escrever é um hábito, e com o tempo a coisa se torna quase mecânica. É como fazer comida. Mas tem que caprichar, colocar um bom tempero, fazer com amor. Mas sem Sazon, por favor.

Já dissemos em outras oportunidades que, no começo, pensávamos que não passaríamos do primeiro exemplar, ou do oitavo, pois tomamos como referência a revista "A Carapuça", de Sérgio Porto, que só teve oito exemplares, a contar de agosto de 1968, porque ele morreu. Mas nós não morremos, ou morremos e não fomos avisados, e esperamos que o reconhecimento de nosso trabalho não seja póstumo, apesar de já estarmos bem velhos e quase senis. Senis, não: seria um exagero. Rabugentos é o termo mais correto, e até já concedemos uma entrevista para esta revista, falando a respeito, sem dizer coisa com coisa.

Mas como não ser mal humorado em um país onde tudo está errado? Temos um Presidente que se empenha em ferrar o seu povo, mas tem muita gente que ainda o apoia, apesar de não comparecerem nos raríssimos eventos públicos que ele promove, o que é um grande mistério...

Temos um governo paralelo que o sustenta, que já havia assumido o poder na gestão anterior, e que agora manda prender todos os que falam mal dele e, principalmente, do próprio governo paralelo. Enquanto isso, a economia vai degringolando e o povo já não consegue nem mesmo comer churrasco de abóbora, que substituiu oficialmente a picanha. Cervejinha, então, nem pensar: a marca Cintra virou artigo de luxo. Heineken, então, nem sonhando.

Mas esse governo não se envergonha mesmo. Teve essa recente questão do arroz, que foi uma paulada: queriam tirar vantagem em cima da tragédia do Rio Grande do Sul, superfaturando os preços e colocando empresas fantasmas na jogada, mas foram denunciados, e até Maluf teve que intervir: "ô meu, pega leve aí".

Nas próximas eleições, não vai ser fácil escolher entre os novos e velhos candidatos, pois, com essa onda de diversidade, tem muito lobo travestido de cordeiro. Além do mais, está faltando uma ideologia mais robusta que convença o povo de que os políticos não querem outra coisa além de encher os bolsos e as cuecas de dinheiro.

Vamos ver no que vai dar. O jeito é esperar. Coisa boa não há de ser.

## A CENSURA ESTÁ AÍ

Sempre que batem à minha porta, fico apreensivo: tanto pode ser o Mercado Livre quanto a Polícia Federal. Não faço parte de grupos da "resistência" nem participo das brigas do "X" (ex-Twitter), mas considerando que teve muita velhinha que pegou 16 anos de cana só porque fez uma excursão para Brasília e apareceu em algumas fotos segurando uma bandeirinha do Brasil, preciso colocar as minhas barbas de molho.

Não fui a Brasília, não participei da bagunça, nem quebrei nada, mas vai que eles fazem uma montagem, e aí pode demorar uma década até conseguir provar a minha inocência. A Inteligência Artificial tem recursos fantásticos, os caras podem fazer fotos ou vídeos perfeitos usando a nossa imagem, eles criam falas com a nossa voz e colocam em qualquer idioma que quiserem.

Mas está chato esse negócio de ter que tomar um excessivo cuidado com o que se vai falar ou escrever. Isso me lembra os tempos da ditadura militar, quando tínhamos que apresentar nossos roteiros e fazermos um ensaio para o censor, que quase sempre dormia na plateia vazia. E normalmente tinham que cortar algum trecho, para justificar que estavam trabalhando.

Para falar a verdade, odeio política. É um saco ver aqueles caras no Congresso, nas Assembleias ou Câmaras falando mentiras. Seja onde estiverem, são todos iguais. Mentir é a sua profissão, e eu não sou trouxa de acreditar. Mas tem muita gente que acredita, e briga, e mata ou se mata por política.

Gosto mesmo é de futebol, mas também não dá para confiar nos resultados. Vira e mexe, descobrem alguma mutreta no placar, ainda mais agora que os clubes são administrados por grandes empresas que possuem cotas e ações de outros clubes, e assim podem definir quem vai ganhar ou perder.

Até nos relacionamentos pessoais a coisa está estranha. Você conhece uma garota linda, resolve se casar, tem um filho e nasce um bicho feio. Só aí você vai descobrir que a mulher tinha um nariz de tucano, não tinha queixo, era caolha, dentuça e orelhuda, e havia feito milhares de plásticas no rosto e no corpo, mas a criança não sabia disso e nasceu a cara da mãe, no original. Isso quando você não descobre que a garota antes era garoto, e que a certidão de nascimento e a identidade foram alteradas, pois isso agora é possível: basta ir lá no cartório e alterar, pagando uma taxa mixuruca. E se reclamar vai em cana, dividindo a cela com a tal velhinha da bandeirinha do Brasil. Tempos difíceis.

# nosso entrevistado do mês é um

# BURACO NEGRO

Filmes de ficção científica sempre fizeram sucesso com aventuras envolvendo alienígenas dos mais diversos tipos, desde os que possuem dedos com luzinhas na ponta, até aqueles que tem uma boca cheia de dentes, de onde sai outra boca cheia de dentes (além de muita baba), mas o público desconhece que no espaço sideral existe algo muito mais misterioso, gigantesco e aterrorizante, que são os buracos negros.

Eles são capazes de engolir estrelas e planetas inteiros, e alguns são maiores do que um milhão de sóis, mas ninguém sabe como é o estômago desse bicho. Existem teorias que dizem que são passaportes para outras dimensões, onde tudo é ao contrário daqui, e assim, se o nosso planeta fosse engolido, as pessoas boas passariam a ser más, quem fosse rico ficaria pobre e quem fosse feio ficaria bonito. Existe outra teoria de que, através deles, seria possível viajarmos para o passado e para o futuro. Mas tudo não passa de especulações... até agora! Em primeira mão, conseguimos entrevistar um BURACO NEGRO, e poderemos saber, finalmente, acerca destes e outros segredos do Universo.

BULUNGA – Aqui, no Brasil, existe uma Ministra que se parece com um dos personagens do filme de Steven Spielberg. Para ela, tudo é racismo, e pode ficar muito nervosa se vir essa nossa chamada na capa da Revista. Acredite, ela encenou com o termo “caixa preta” e exigiu que o disco “preto com um buraco no meio” do Casseta & Planeta” fosse censurado e os autores presos, inclusive o Bussunda, que já morreu.

BURACO NEGRO – Por causa da questão da cor? Eu quero que ela vá catar coquinho pra chupar. Eu sou negro com muito orgulho. Pode me chamar de negro, preto, crioulo, tiziu, pois não existe nada no Universo mais poderoso do que eu. Só Deus, é claro.

BULUNGA – Você já viu Deus?

BURACO NEGRO – Certamente! Ele é o criador de tudo.

BULUNGA – Ele deve ser muito grande...

BURACO NEGRO – Muito, muito grande. Eu sou um cisco, perto dEle. E Ele não tem

tempo para perder com patifarias.

BULUNGA – Mas me conta esse negócio de engolir estrelas, planetas... não dá azia?

BURACO NEGRO – Dá não. Estou acostumado. Só não sei como seria engolir o SEU PLANETA. Deve ser meio estranho, pois tem muita poluição. E também existem alguns seres humanos que podem ser venenosos.

BULUNGA – Muitos são maus, sem dúvida, mas também tem gente boa, como eu.

BURACO NEGRO – Sei não... você é jornalista. Essa sua raça não presta. Distorcem a verdade, criam narrativas absurdas e não guardam compromisso com a verdade.

BULUNGA – Nem todos são assim, acredite. Por isso criamos uma revista independente, sem fins lucrativos. Não temos o rabo preso com ninguém.

BURACO NEGRO – Espero que seja verdade.

BULUNGA – Qual é o gosto de uma estrela

ou planeta?

BURACO NEGRO - Geralmente, tem gosto de terra ou de ferro. Mas podem haver variações, de acordo com a formação de cada um.

BULUNGA - Você emite gases?

BURACO NEGRO - Não me venha com piadinhas. Percebo onde você quer chegar. Buraco negro não é aquele negócio onde o sol não alcança.

BULUNGA – Assim você está sendo muito maldoso. Era só uma perguntinha despretensiosa...

BURACO NEGRO – Por quê você não me pergunta se existe vida inteligente em outros planetas?

BULUNGA – Existe?????

BURACO NEGRO – Não falo! Agora magoei...

BULUNGA – Ah, deixa disso... vai, fala!

BURACO NEGRO – Não falo, não falo e não falo!

BULUNGA – É o maior enigma a ser desvendado pela raça humana. Fala! Deixa de ser ruim...

BURACO NEGRO – Isso é pra você deixar de ser bobo. Vai ter que descobrir por sua conta.

BULUNGA – Você é muito radical... mas, tudo bem, vamos continuar a entrevista. Como você se define?

BURACO NEGRO - Eu sou o início, o fim e o meio.

BULUNGA - Ei, essa frase é de Raul Seixas. Ou do Paulo Coelho, não sei ao certo. Mas o Raul era quem cantava.

BURACO NEGRO – Eu sou muito mais anterior a esses dois malucos. Se eu quisesse, poderia processá-los por plágio.

BULUNGA – Diga-me uma coisa: o buraco é mais embaixo?

BURACO NEGRO – Lá vem você, mais uma vez, tentando ser engraçadinho, mas eu tenho trilhões de anos de praia... você não vai conseguir me fazer cair numa pegadinha.

BULUNGA – Você só pensa besteira...

BURACO NEGRO – Os seres humanos são previsíveis até em suas piadas. Não servem mesmo para nada.

BULUNGA – Aí você pegou pesado. Os humanos não são tão ruins assim. Temos os nossos defeitos, mas podemos nos redimir.

BURACO NEGRO – Vou fingir que acredito... Por meio das religiões, vocês representam personagens que possuem longanimidade...

BULUNGA – Longanini o quê?

BURACO NEGRO – Longanimidade: virtudes como paciência, generosidade, empatia... mas é tudo aparência. Vocês se sentem felizes fingindo ser o que não são. Por isso, gostam tanto de filmes, seriados, novelas e teatro. Se conseguissem viver plenamente suas vidas, não desejariam viver as vidas dos outros.

BULUNGA – Nossas vidas seguem uma rotina nem sempre atraente. Os filmes, as séries, as novelas, o teatro, e também os livros, nos mostram situações que jamais iríamos viver.

BURACO NEGRO – São mentiras. Mas vocês gostam de ser enganados.

BULUNGA – Você parece possuir uma gama de conhecimentos muito vasta. Como con-

segue assimilar tanta coisa sendo apenas um buraco?

BURACO NEGRO – Não sou “apenas um buraco”: assimilo toda a cultura dos astros que engulo.

BULUNGA – Ah, você disse “cultura”: então confessa que existe vida inteligente além da nossa...

BURACO NEGRO – E quem disse que vocês são “vida inteligente”? Fazem tanta burrada que seria um ultraje chamá-los assim.

BULUNGA – Ah, pega leve. Não somos tão ruins desse jeito.

BURACO NEGRO – Vocês poluem os rios que deveriam garantir a água para beberem. Jogam venenos na comida que comem. Tornam o ar irrespirável. Fazem guerras por qualquer motivo. Vocês são tão horríveis que eu relutaria em ter que engoli-los.

BULUNGA – Ah, então isso é bom. Continue pensando assim de nós.

BURACO NEGRO – Mas vocês podem entrar na rota de um grande cometa, e aí seria muito pior.

BULUNGA – Por quê?

BURACO NEGRO – Vocês seriam esfacelados. Não sobraria nada. Enquanto ser “engolidos” por mim pode representar a passagem para uma nova fase...

BULUNGA – Ah, então é verdade aquele negócio de outra dimensão, de antimatéria, de existir um lugar onde tudo acontece ao contrário do que vivemos?

BURACO NEGRO – Isso tudo é especulação... mas posso adiantar que existe uma realidade bem menos miserável do que essa que vocês vivem aqui.

BULUNGA – Ah, conta só pra mim: eu não espalho.

BURACO NEGRO – Não posso. Existem Leis Universais que devem ser observadas. Sugiro apenas que, daqui em diante, quando olhar para o céu, tente enxergar algo além de pontinhos brilhantes.

BULUNGA – A Física Quântica nos fala da possibilidade de não existirem passado, presente e futuro. Que estaríamos em um “looping” constante, com tudo acontecendo simultaneamente...

BURACO NEGRO – Quanta besteira. Pare de ler essas bobagens. Vale mais a pena ler a Revista Bulunga. Só não leia “O Globo”, a “Folha”, o “Estado” e muito menos o “Estado de Minas”.

BULUNGA – Why not?

BURACO NEGRO – Podem desencadear um processo de imbecilização instantâneo. Aí só uma lobotomia para tentar tirar esses conceitos estúpidos de sua cabeça.

BULUNGA – Ainda bem que me avisou. Para encerrar, você tem algum conselho para dar para nós, humildes terráqueos?

BURACO NEGRO – Parem imediatamente com essa corrida espacial. Vocês não podem instalar essa sua espécie nociva em outros planetas. Seria muita maldade! Fiquem por aí mesmo e se destruam até não restar mais um humano vivo.

BULUNGA – Você é um fanfarrão...

BURACO NEGRO – Eu me empenho para isso... (risos)

BULUNGA - De qualquer maneira, foi uma boa entrevista. Havia ficado um BURACO, porque nosso convidado “furou” e aí chamamos você. Mas foi legal!





# A SAGA

**Guido Malaparte**

“A hora é agora!”, disse para minha esposa. Após os eventos catastróficos no Sul, depois da aflição e tristeza com o destino de milhares de pessoas, cidades inabitadas, casas destruídas, vidas consumidas, bens inutilizados, fome, sede, fadiga, desconchego, notícias desencontradas, negligência e incompetência públicas, e o “salve-se-quem-puder”, foi emocionante ver a mobilização popular no resgate das vítimas, no abrigo aos desabrigados, no alimento aos famintos, no vestir os nus e esfarrapados, em suma: havia esperança. Estávamos exatos quase dois mil quilômetros de distância, mas ao saber do mal-estar da minha filha (ela e o marido moram em Porto Alegre), uma forte gripe, não nos restou outra atitude a não ser ir para lá.

Mas diante de todos os infortúnios aos quais os gaúchos estavam submetidos, nós também tivemos a quota de dificuldades. Os caminhos não eram os mesmos de antes, e a porção de improviso fazia-se necessária.

O voo sairia de São Paulo para Floripa, já que os aeroportos da região estavam interditados ou com aviões lotados pelos próximos dez dias. Tudo correu bem, a despeito de cada vez mais as viagens aéreas se tornarem incômodas e constrangedoras. As aeronaves têm “copiado” o jeito “lata de sardinha” dos trens, metrô e coletivos; os espaços tornaram-se exíguos, ao ponto de, em breve, haver a classe de passageiros em pé, seja por superlotação, seja por não se adequar ou caber nos espaços limitadíssimos entre as poltronas. Comentei com o colega ao lado: “Se eu fosse três ou quatro centímetros mais alto, não caberia neste assento minúsculo”. O aeromoço olhou-me como se eu fosse um ET. Por falar nisso, aquelas belas e esguias mulheres estão dando lugar a homens barbudos e tatuados, barrigudos e carecas, e a antiga elegância e fascínio das travessias tem se tornado algo prosaico. Se não bastassem os atrasos, os preços estratosféricos, as poltronas estreitas e atarracadas, o copo d’água e o mísero pacotinho de biscoito

serem quase lançados como bola de beisebol, queriam destruir a graça dos voos

Por falar em espaço, tive de aturar, por uma hora, o passageiro da frente inclinar o seu banco para trás, a dois ou três centímetros do meu queixo, a fazer a coisa toda ainda mais miserável, e o desejo de ser um terrorista só não superou a vontade de lançar o “folgado” pela janela. Por que raios diminuem os espaços e permitem aos bancos inclinarem? Para o prazer dos sádicos e desgraçados?... Era algo que não entendia... O projetista devia ser um cínico dos infernos!

Ao chegar a Floripa, foi-nos confirmado não haver qualquer chance de voo para Porto Alegre ou região. Não havia vagas disponíveis para Canoas, Caxias, Pelotas ou outro aeroporto. Restou-nos o trajeto terrestre. Após esperar quase meia hora, fomos de Uber para a Rodoviária. Lá, nova decepção: os ônibus estavam proibidos de chegar a Porto Alegre, e o último ponto de chegada seria a cidade de Osório, oitenta quilômetros antes. Mais seis horas e meia até Osório e, de lá, só Deus sabia como alcançar a Capital.

Contudo, novo inconveniente: não havia passagens disponíveis naquele dia. Percorri os guichês das companhias e a resposta era a mesma: somente à noite ou amanhã. Isso representava mais gastos com hotel, e não havia a certeza de algum transporte nos levar ao destino.

Depois de muito insistir, um dos gerentes me disse que havia um aplicativo de carros “blablacar”, e, talvez, algum motorista se disporia ao serviço. Como assisto muito programas sobre fronteiras e aeroportos, e as mulas se utilizam de “ubers” e congêneres para traficar drogas e contrabando, já me imaginei sentado ao lado de um deles, a PF nos parar, e eu ser indevidamente preso por cumplicidade e associação criminosa. É verdade que nos gabinetes em Brasília e país afora, esses crimes sejam de pouca ou nenhuma monta, mas como não tinha as costas quentes ou qualquer padrinho, o mais provável era liberarem o meliante e me condenarem. Achei, por bem, descartar a

ideia. Não sou o que se pode chamar de sortudo... Então, ele me sugeriu uma empresa concorrente, que às vezes abria horários extras. Não custava nada tentar.

Fui ao guichê da tal “Viação” e, para a nossa surpresa, havia um ônibus vindo de Curitiba com alguns assentos vagos. Novamente, outro porém: os lugares eram separados.

— Este é o problema?! — Disse, perplexo.

— Sinto muito, mas não existem lugares na mesma fila.

— Por mim, tudo bem!

Passagens compradas, duas horas para o ônibus chegar, era o momento de comer algo. Dois salgados, uma garrafa de água para mim e uma Coca para a mulher... eu roía o salgado como se fosse um osso. Nada era mais duro do que aquela massa, talvez mistura de cimento, areia ou betume. Por fim, desisti. Tomei a água e esperei não ficar enalhado com algum pedregulho indigerível.

Fomos para uma sala “vip” onde os passageiros se amontoavam, havia um garrafão de água mineral e nenhum copo descartável. Na correria e apreensão, sequer notei a temperatura baixa, a névoa e garoa persistente, e o termômetro a marcar 15 graus... O funcionário da empresa chegou, após três quartos de hora, e disse que o ônibus atrasaria por causa do trânsito. Alguém perguntou: “Quanto?”. Ele respondeu: “Ainda não sabemos. Mas já está a caminho.”. Desde que chegasse, antes das quinze, nada podia afetar o meu otimismo, pensei.

De repente, ao notar algo estranho na boca, deparei-me com o pedaço de um pré-molar entre os dedos e um lugar vazio próximo ao canino. E todos ouviram, meio surpresos, meio intrincados, meio desconfiados, eu dizer em alto e bom som:

— Maldito seja, se não for a Porto Alegre de ônibus, barco ou a pé!

A mulher me beliscou, olhou ao redor, encarou-me e disse:

— De novo, benzinho! Esqueceu de tomar o remédio?



## Jorge F. Isah

Cheguei.

Subi as escadas correndo. Abri a porta. Atravessei a sala e me joguei na cama. O suor escorria. O lençol logo ficou grudado às costas e o colchão começou a sugar o suor. Respirava com dificuldade, como se fosse o último resto de ar existente. A boca retorcida numa careta. Não havia dor. Apenas abandono. Os braços estendidos não pareciam fazer parte do restante do corpo. O sangue correndo desordenado, uma hora demais nas pernas, outra hora no peito, na cabeça e lá, misturado aos vasos latejantes, fazia uma barulho exasperante, como o de uma bomba relógio antes de explodir.

Vi tudo ao mesmo tempo. Meu corpo despedaçado no asfalto. Uma perna presa às ferragens, um olho vasado, um enorme buraco na cabeça, as costelas quebradas, cortes, afundamentos, ematomas, sangue, muito sangue, gente demais me olhando, com aquele ar curioso e indiferente, mais indiferente que curioso, afinal, quantos como eu morriam por dia numa cidade como aquela, em que todos queriam matar todos?... Chegaram os peritos. Com suas pranchetas, canetas, apitos, sirenes. Fazendo perguntas, esticando fitas métricas pra lá e pra cá, afastando um braço uma perna um resto de miolo grudado. Depois cobriam tudo com jornais. Sobrava apenas uma massa numa poça vermelha. E o engarrafamento. Uma hora depois, chegava o rabecão. Removiam o corpo. Tudo acabado. Cada um tomava a sua direção. Para beber um cafezinho, comer um sanduíche de carne, um pastel, um cigarro. No dia seguinte, uma nota no jornal, as fotos do morto: morto e vivo. Uma grande e outra bem pequenina, tão embaçada que nem dava para ver a diferença. Antes, uma reportagem de dez, quinze segundos no noticiário da noite... Um nome sem importância... Um anônimo a menos no mundo. Mais uma estatística para os maníacos por dados... E anunciavam a próxima notícia com um sorriso indisfarçável.

Sentia um calor de morte. O quarto abafado me deixava ainda pior. Os pensamentos rondavam como terríveis assassinos. Tudo culpa do maldito motorista. O desgraçado queria matar ou morrer, ou ambos... Já nem sei. Desde quando entrei no carro, não gostei nada do jeito dele... Não ligou o táxímetro ou pediu para pagar no aplicativo da Central ou Cooperativa. Muito menos perguntou aonde eu ia. Deu a partida no carro e... acelerou! Como um louco. Não respeitava sinal, faixa, preferência, nada. Ultrapassava pela direita, esquerda, pelo meio, subia no passeio, onde

desse. À nossa volta, ouviam-se apenas buzinas, gritos e xingamentos. E freadas. Implorei para ele parar. Gritei para o miserável parar. Mas nada. Os olhinhos miúdos dele estavam colados no asfalto. O pé no acelerador. E o carro balançava de um lado para o outro.

“Para! Eu quero descer!”

Gritei o mais alto possível.

Segurei-o pelo pescoço e apertei.

“Para, senão eu te mato!”

O mentecapto deu uma gargalhada sufocada e psicótica. daquelas bem secas e bizarras. Fez sinal de largar o volante...

Desisti.

Soltei-o.

Agarrei firme a poltrona, coloquei o cinto de segurança e rezei.

Havia muitos carros nas ruas. Mas sem engarrafamento. Para o meu azar. Os mais distraídos nem notaram o taxi. Os mais espertos davam um jeito de cair fora. A maioria batia, subia no meio-fio, entrava em postes e muros. Era muito barulho. Foi quando ouvi uma sirene. Não acreditei. Olhei para trás. Era a polícia mesmo. Iam finalmente pegar aquele miserável. Olhei para ele e falei com a maior tranquilidade, com ar de quem estava salvo e era quase o dono da situação.

“Acho melhor parar. A polícia está logo aí atrás”. – Disse debochado.

Ele olhou o retrovisor e, ato contínuo, disse atrevido:

“É o que você pensa...”

Pisou mais fundo ainda no acelerador.

Era o fim. Naquela velocidade, não havia como escapar. Era uma tragédia anunciada, na certa.

E dava gente correndo para todo lado. Mais freadas, buzinas, batidas... A sirene sempre atrás. Uma caçada, digna de um país americano. Se as coisas não estavam bem antes, quanto mais agora com a polícia no nosso encalço... Alguém bateu no pára-choques. Depois no capô. E voou por cima do carro. Uma batida oca. Abafada. O corpo caiu no asfalto, rolando várias vezes, até parar inerte. Fechei os olhos... Quando tudo parecia perdido, o milagre. A providência. Deus mexeu os pauzinhos e colocou um basta naquele estado de coisas... O carro foi diminuindo a velocidade... diminuindo... diminuindo... e a sirene aumentando... aumentando... até o carro parar e a fúria deixada para trás se transformar em alvoroço local. A viatura bloqueou a nossa frente. Fiz o movimento de abrir a porta e sair, mas estava preso pelo cinto. Custei a soltá-lo e me desprender. Puxei a



maçaneta, destravei a porta e me lancei no pequeno espaço exterior, ainda não ocupado por clandestinos e oficiais. Quando dei por mim, os guardas estavam ao meu redor. Armados. E gritando ao mesmo tempo, numa balburdia despropositada.

“Mão na cabeça! Mão na cabeça! Encosta aí!”

Enquanto era empurrado até uma parede encardida e fedendo a sanitário de botequim, a comoção, gritos e apelos se misturaram como em um enxame de vespas. Tentei explicar que não tinha nada a ver com aquilo. Fui revistado, e olhei de soslaio para o taxi. O choffer fazia os mesmos movimentos, as mãos no volante como se ainda estivesse dirigindo, sem se ater ao tumulto e ameaças, ao entrocamento caótico entre o pânico, o risco e o grotesco.

“Cala a boca! Ninguém te perguntou nada!”

Recebi um tranco, e considerei por bem manter o silêncio.

Por fim, abandonaram-me, voltaram toda a atenção ao motorista, esquecendo-me... Mandaram-no sair. Nada. Mandaram de novo. Nada. Apontaram revólveres, armas de choque; o som imperativo a ecoar do alto-falante, mesmo que o sargento estivesse a pouco mais de 2 metros do carro, e não houve tempo para se fazer o cordão de isolamento...

Vai ver, achou que fosse surdo. Mas ele não se mexeu. Os olhos à frente e as mãos a mover o volante... Tal qual os garotos de antigamente faziam em corridas virtuais, e os adultos nas simulações em autoescolas... Seja como for, havia brinquedos para todos os gostos e posses.

De repente, do nada, o motorista largou uma das mãos do volante e abaixou-a do lado esquerdo, como se fosse pegar algo debaixo do banco. Alguém gritou: "Cuidado, ele tá armado!". Foi quando se ouviram os estampidos. A multidão correu para todos os lados. E eu também. Corri, corri e corri, não sei quanto tempo nem por onde passei, só sei que cheguei em casa.

Agora, estou deitado. Suando mais que antes. Talvez a polícia esteja à minha procura. Talvez eu esteja morto e não saiba... Apalpei a carne sebosa. Ainda era eu. Resolvi tomar uma ducha fria. Não consegui me levantar. Arrastei-me pelo chão, como o bêbado atrás da moeda perdida para o último trago. Entrei no banheiro. Abri a torneira, me molhei de roupa e tudo. Perdi as horas... O barulho da água batendo no chão. Fazia isso sempre quando o calor estava insuportável. Mas não nesta época, em que o outono se fecha às portas do inverno.

Certa vez, fui expulso do ônibus. O motorista me botou para fora depois de vomitar pela décima vez. Os passageiros não se conformaram. Eu era muito novo. Tinha cara de inocente. E quase todos, a despeito das evidências, consideraram que eu estava tendo um mal súbito.

“Não faz isso!” – Alguém se pronunciou.

“É covardia! Deixa o garoto!” – Outro seguiu.

“Vocês são uns bobos! Não conhecem um bêbado quando vêm um? Ele é apenas um pinguço bem

apessoado, “um mauricinho”, nada mais!”

Olhou novamente para mim.

“Desce! Cai fora! Chega de sujeira no meu ônibus”

Diante do silêncio, o veículo estacionado, a porta aberta, e o braço estendido do condutor, não tive outro recurso a não ser descer... Estava mais do que claro, numa espécie de batalha cósmica: eu não tinha sorte com motoristas.

A bem da verdade, apesar de estar com a cabeça nas nuvens e tropeçar na própria sombra, era melhor assim. Já não sabia onde enfiar a cara; a desonra de passar por espetáculo tão deprimente. Um dos meus problemas quando bebia, e a maioria dos ébrios não tinha, era a consciência, por mais que estivesse tonto, de discernir o ridículo e vergonhoso, especialmente em relação a mim. E isso acabava por me trazer tristes e prolongadas lembranças, e alertas para evitar expôr-me desnecessariamente. Às vezes, conseguia. Em outras, era apenas fiasco e desastre. No fim das contas, queria chegar em casa; e nunca, em toda a minha vida, alguns quarteirões foram tão desafiadores.

Fechei a torneira. Olhei o relógio. Dez da noite. Não havia nenhum barulho em casa. A mulher não estava. Comecei a suar novamente. Estiquei o braço e abri a torneira. A água quente propícia a relaxar, deixou-me irritadiço e apreensivo. As forças, ou o restante delas, pareciam se esvaír a cada jato, a cada gota, ao vapor a molificar a pele, e o torpor catalisado penetrava os poros, nervos, músculos, ao ponto em que a cabeça não mais tremelicava mas insurgia-se contra a ordem, a alma e a vontade. Tudo era frenesi, e não passava de refém de mim mesmo, entregue à desídia de não ser nada além de um poltrão.

Por isso, ao mesmo tempo em que o mundo girava desconectado e embaralhado, uma única questão precisava ser respondida:

“Onde ela tinha ido, àquela hora?”

[www.kalamos.com.br](http://www.kalamos.com.br)

coluna do

# ClodoKill

Fernandes

Eu já fui xingado de tudo um pouco. Mas tem coisas que a gente não aceita, pois tudo tem limite, como o meu pai sabiamente dizia. A minha avó era “mestre” em ditados e provérbios do tipo: “Quem muito abaixa, a bunda aparece!”, “Boca fechada não entra mosquito!”, “Se misturar com galinhas vai comer farelo”, e outros ditos sábios, mesmo na jocosidade. Bem, lembro-me, quando criança, de ouvir poucas e boas, desde pequeno. Antes mesmo de saber amarrar os cadarços dos sapatos. Na escola então... Era filho disso, filho daquilo, sua mãe é isso, sua mãe é aquilo, que acabavam, no auge da baixaria, por atingir a honra da terceira, quarta, quinta geração: “Seu avô é uma mula!”... “Sua bisavó é uma rapariga!”, e coisas do gênero. Independente do tamanho ou idade, partia para cima do desgraçado e, por um bom tempo, tomei surras homéricas até atingir os onze anos, quando cresci muito acima da média do colégio e da rua, e podia encarar a maioria dos garotos mais velhos dois, três, quatro anos à minha frente, sem muito medo.

Com isso, apesar de ser um bom aluno, um estudante esforçado, vivia com a caderneta cheia de carimbos vermelhos, sinais das várias suspensões e castigos aplicados pela diretoria da escola. Para complicar ainda mais a situação, ao chegar em casa e apresentar a dita cuja, minha mãe, severa na disciplina, dizia:

- De novo! Quando vai aprender a ter juízo, menino!

- Mas mãe, eu...

- Chega de mas! Não quero saber das suas desculpas!

Lá ia eu tomar um castigo em casa também: ficar sem TV, jogar bola ou desfilar com o meu carrinho de rolimãs, coisas que a maioria das crianças hoje sequer conhece, pois o aparelho de TV virou um mero reproduzidor de joguinhos e vídeos, e os outros... deixa pra lá! Dirão os insensíveis ser coisa de saudosista... Por alguns dias, isso fazia a alegria dos meus irmãos e da vizinhança, que, ao me ver cumprindo alguma tarefa de casa, ou mesmo indo à rua sob ordens maternas, apontavam-me o dedo e riam desbragadamente, em delírio com as minhas penas. O mais difícil, para mim, era não entender o porquê, apesar de defender a honra da mãe, avó, bisavó e outros de quem nunca ouvi falar, ainda assim sofria punições extras. Meu pai, durante as suspensões, sequer respondia aos meus “Bênção, pai!”, e evitava até me olhar. Não falava nada, mas eu sabia que havia se certificado de a indisciplina não passar sem o devido corretivo.

Entretanto, nada se compara aos ultrajes e afrontas pelos quais tenho de passar na velhice. Não respeitam sequer os meus cabelos grisalhos! Quando criança (sempre o saudosismo quase melancólico), qualquer

pessoa que tivesse mais de quarenta anos era respeitável, mesmo que não tivesse a deferência suficiente. Olhávamos para eles como homens vividos, sofridos e sábios.

Sei que, hoje em dia, a maioria dos anciões recusa-se a envelhecer e tenta, de todo jeito, parecer com adolescentes enrugados: na esperança de, sem sucesso, esconder as marcas de décadas de existência. Boa parte deles não se dá ao respeito, quanto mais na ridícula obsessão por jovens e sua mocidade, e acham que nada os separa além da carteira de identidade e o plano funeral.

Voltando aos xingamentos, é um absurdo e atrevido me chamarem de coisas que, em outros tempos, eu mataria o desgraçado. Tem um grupo incapaz de me ver de amarelo sem praguejar os sons mais torpes que um ouvido pode ouvir: fascista e genocida. Ora, eu nunca fui a favor do “Tudo é do Estado, tudo para o Estado, nada sem o Estado”, como os fascistas nacionalistas defendem e os comunistas internacionalistas igualmente defendem.

Ambos se dizem antagônicos, mas é apenas para inglês ver, pois, no fundo, é tudo farinha do mesmo saco, e sequer estou a fazer menção aos culhões de Marx. Quanto ao genocídio, tenho de confessar: já realizei alguns, por ordem médica, quando sou obrigado a fazer exames delicados, e cada vez os tenho feito mais, como ultrassom abdominal. Exigem que eu tome laxativos, e milhões, talvez trilhões de bactérias são lançadas no vaso e têm uma morte, no mínimo, sórdida e abjeta.

Quando uso vermelho, lá vem a turma amarela e diz que sou “melancia”, “assassino” e “gigolô de Stalin”. Ora, melancia é uma fruta saborosa, nutritiva e excelente para a memória (é o que dizem), mas, alto lá! Assassino e gigolô, não! Já cutuquei e extirpei inúmeros cravos e espinhas, na adolescência, mas, ultimamente, estou livre dessas práticas e vícios. Então, se alguém se atrever a xingar-me novamente, não respondo por mim. Quanto a gigolô, é uma acusação tão pueril, indigna até mesmo dos meus antigos colegas de escola.

Com toda essa exigência na indumentária, tenho sido cada vez mais cauteloso ao abrir o guarda-roupas. Mas a Cremilda, uma vizinha costureira, ao conversar com a minha esposa, me disse ter a solução, já que eu não abria mão, completamente, das minhas cores prediletas: costurar uma peça amarela em outra vermelha, assim, agradaria a gregos e troianos.

Quando a Rowena descreveu a solução, e de Cremilda estar disposta a fazer os ajustes nas calças e camisetas, senti-me quase nas nuvens. Era um homem de espírito renovado.

Dois dias depois, pude experimentar pela primeira vez o conjunto: uma calça em algodão com a frente amarela e a parte de trás vermelha, uma blusa também em algodão com a frente vermelha e as costas amarela. Calcei um tênis azul e saí para a rua convicto de não ser mais importunado. Alguns quarteirões de casa havia uma manifestação por alguma bobagem qualquer e, ao passar por eles, me tornei o centro das atenções ou alvo, se preferir. Quase instantaneamente todos foram magnetizados pela minha vestimenta. O silêncio não durou mais de 15, 20 segundos. Então, um bando com as estampas do “Che” em fundo vermelho e outro com as bandeiras do país em fundo amarelo correram na minha direção, como se eu fosse um prato de ossos para uma turba faminta. Não fiz outra coisa senão correr, mas eram tantos que não pude ir muito longe, e enquanto os primeiros batiam nas minhas partes cobertas de amarelo, os segundos desferiam golpes nas minhas partes cobertas por vermelho. No frigir dos ovos, acabei mesmo ficando roxo, preto, sei lá. Com tantos hematomas que, se os policiais não interviessem, eu não estaria agora no Pronto-Socorro ditando esta história para a Rowena (à minha maneira um castigo para ela), mas sendo fustigado por varejeiras e cupins...

Há quem diga que tudo foi culpa do tênis azul...

A partir de agora, nada de outra cor além do branco. E espero, e rezo, para que respeitem, ao menos, a cor das vestes angelicais, e não me confundam com um chefe de terreiro.



Jorge F. Isah

F. Scott Fitzgerald é um dos meus autores prediletos. Ele é de uma geração de escritores a primar pela clareza, objetividade e, por que não, sinceridade. Tal qual, por exemplo, Hemingway, guardadas as diferenças de estilo, narrativa e mundos, Fitzgerald parece falar do que entende muito bem, desnuda o universo no qual transita e, também, seus personagens circulam. Tal qual o especialista em assuntos gerais e intrínsecos, ele esmiúça o que existe de melhor, em pequenas porções, e o mais acintosamente infame, em larga escala, na alma. Em alguns momentos, o abjeto e o frívolo se unem em sua desgraça, ao ponto de trazer ao leitor um mal-estar intenso e profundo. Como se não houve luz, apenas trevas, eles são incapazes de notar onde estão e para onde vão, cegados por seus vícios e a incapacidade de entendê-los para assim se libertarem.

Outro aspecto perceptível em seus livros é o constante “deslocamento” dos personagens, sejam rebeldes, flexíveis, ambiciosos, desprendidos, pacíficos ou belicosos. Nenhum deles parece conhecer o seu lugar no mundo, e está nele muito mais pela falta de opções do que escolhas. Este sentimento leva-os, cada um, a buscarem distrações, compensar o incômodo existencial com sexo, drogas, bebidas e farras intermináveis. É o dispende-se sem sentido, em um tipo de niilismo levado às últimas consequências, onde viver é o mero exercício do instinto, mecânico, fortuito, mas ainda assim, pretensioso e cabotino. De forma a cada elemento mover-se na direção do grupo, e o grupo satisfazer-se na aquiescência de cada indivíduo; amálgamas do desatino e da fleuma vadia. Uns mais, uns menos, é como uma teia onde convivem, até certo ponto, a presa e o predador, em um jogo igualmente encarniçado e fatal.

Em “Os Belos e Os Malditos” não é diferente. Segundo livro publicado pelo autor (1922), ele retrata o ambiente efusivo e degradante, porque também não, o declínio de uma geração que se ofuscou em devaneios, caprichos e futilidades. Jovens a imaginarem-se heróis de si mesmos,

algo muito comum na maioria dos imaturos, e velhos arraigados ao anti-heroísmo, mormente egoísta e autoritário. No primeiro caso, temos Anthony Patch, universitário e herdeiro de um magnata dogmático e austero. No segundo caso, há Adam Patch, o avô milionário de Anthony, que vê o desregramento do neto como impeditivo para herdar os seus negócios. A inabilidade de Anthony em gerir a própria vida faz o avô imaginar o mesmo para a sua fortuna. E ele não está errado: o neto frustra completamente o patriarca a cada desafio recebido, por menor que seja.

Anthony aguarda a morte do avô para refestelar-se na fortuna que considera sua por direito inalienável. Praticamente, conta os dias, semanas, meses, em uma espera macabra e aflitiva. Para o seu desespero, o alcoolismo é o maior dos pesadelos, pois o velho Adam, homem respeitado na sociedade, abomina todos os vícios e, em especial, o etilismo. Anthony vive em apuros, vivendo com uma módica mesada (ao seu ver, e para a qual não faz qualquer esforço em merecer), enquanto se esbalda nas noitadas e mais noitadas regadas a Whiskey, lugares da moda, e a despender seus recursos, tanto financeiros como físicos, em uma existência fútil e pueril, ansiando o dia a deter os fundos suficientes para expandir essa tragédia.

As coisas parecem tomar, inicialmente, outro rumo quando conhece Glória, prima do seu amigo, Dick; este almeja a carreira de escritor e, ao contrário de Anthony, em curto tempo alcança sucesso, fama e dinheiro. Glória é a socialite esnobe, narcisista, cuja beleza estonteante é a única coisa a importar-lhe realmente. Satisfaz-se com levadas de homens aos seus pés, exibindo-se noite, sim, outra também, nos salões mais prestigiados de Manhattan. A despeito das diferenças, Anthony se considera um intelectual e Glória uma debutante, algo os atrai: o álcool e a inconsequência. Para quem conhece um pouco da biografia de Fitzgerald e do seu casamento com Zelda, este parece ser o quase retrato da relação entre eles. Algo que Hemingway, amigo

de Scot, descreveu no livro “Paris é uma Festa”. Em suas mais de 300 páginas, o autor fala de decadência, obsessão, frustrações e quão aparente eram os vínculos dos jovens nos anos da geração perdida do Jazz. Com o passar do tempo, as relações se acidificaram, e a aparente harmonia no caos se tornou somente em algo babélico, o verdadeiro “salve-se quem puder”, onde praticamente nenhuma expectativa consolidou-se tal como idealizada. Em meio ao mundo destruído pela 1ª Grande Guerra, a vida jamais seria a mesma, e caberia a cada um adaptar ou sucumbir aos efeitos gerais, e aos deslizes e equívocos individuais.

Não custa lembrar: não faço sinopses ou resumos de livros. A ideia é dar um panorama e com ele aguçar o interesse do futuro leitor. Por isto, se você é novo por aqui, desista, não vou lhe entregar a história na bandeja. O meu esforço é o de tentar, às vezes funciona, outras não, contar o mínimo, mas suficiente para que se decida a comprar o livro e explorá-lo. Igualmente, não faço uma crítica, ainda que sempre haja algumas no decorrer da resenha; mais uma apreciação dentro da perspectiva otimista de influenciar e seduzir o leitor com elementos a encorajá-lo em sair do lugar cômodo (na verdade, incômodo) de privar-se das experiências universais, amadurecer, e refletir sobre si, os outros, seu lugar, dos demais, e assim evitar os erros, tonificar os acertos, e no microcosmos a cercá-lo, promover benefícios a todos. Como está escrito: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento” (Oseias 4:6). Neste trecho, o conhecimento se refere a Deus, ao Ser divino, mas pode-se remetê-lo, analogamente, a qualquer aspecto da vida, sem perda de sentido.

Neste aspecto, Scott Fitzgerald revela em suas narrativas quanto o homem pode ser supérfluo, instável e imprevisível, em uma contingência desordenada e quase sempre desconectada da realidade. Talvez, por isso, o homem insista tanto em fugir da verdade, em uma busca fastigiosa e inexequível. Não

raras são as cenas de homens e mulheres a desdenharem, ultrajarem, conspurcarem-se. O poço é fundo, mas pode-se descer ainda mais; e ainda assim, o orgulho, a soberba e a desfaçatez parecem subsistir em meio à lama e entulho... A constatação de serem eles, em última instância, a promoverem e impulsionarem os indivíduos para um fim nada ditoso. Ainda que se gaste uma vida inteira e não se perceba, o aracnídeo prestes a capturá-lo.

Fitzgerald parecia entender... mas não conseguiu, ou não quis, fugir a tempo.

---

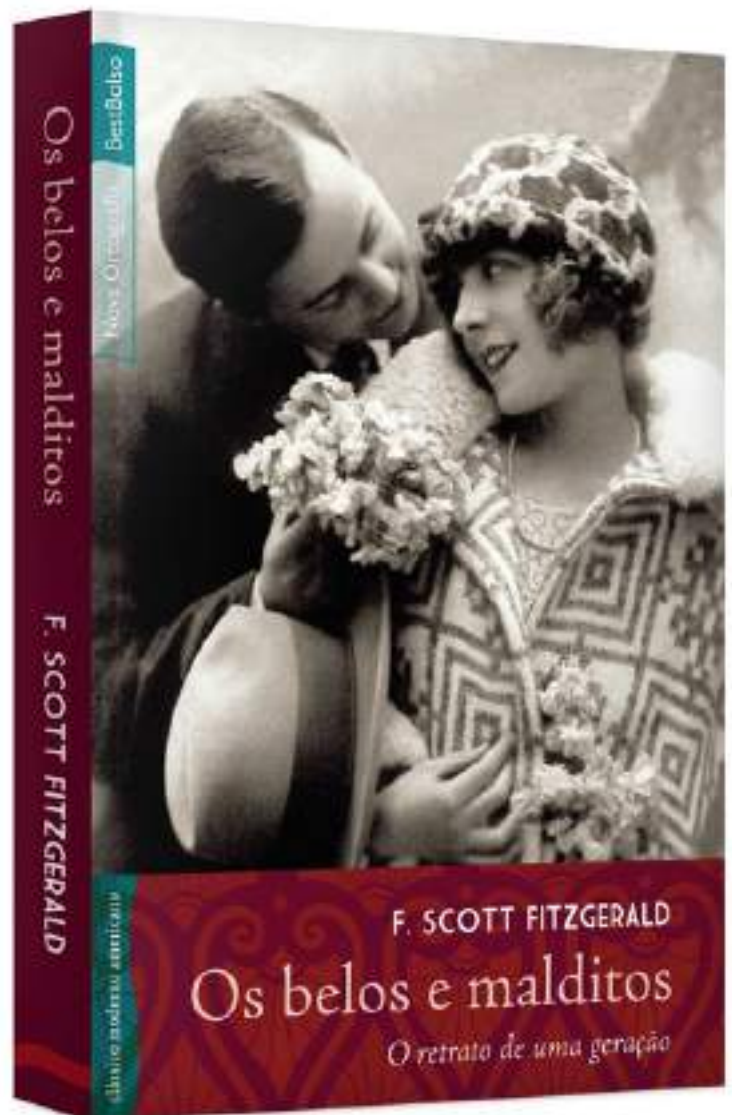
Avaliação: (\*\*\*)

Título: Os Belos e Os Malditos

Autor: F. Scott Fitzgerald

Editora: Record

Páginas: 340





# KD BOBÔ?

um conto de **MICHEL SALOMÃO**

Bobô saiu e não mais voltou. A porta da sala foi deixada entreaberta, e os vizinhos ficaram preocupados, pois ela morava sozinha e frequentemente era vista pelas imediações do seu prédio, segurando uma sacola de papel que continha petiscos para os cachorros de rua. Não se sabia o que ela dava aos bichos, mas eles gostavam, e a seguiam até que se assentava em um banco, na calçada, em frente à praia, e ali começava a distribuição, quando repetia “bobô”, “bobô”, “bobô” “bobô”, por várias vezes, como se aquele fosse o último pedaço, mas não era. Daí o seu apelido.

Ninguém sabia o seu verdadeiro nome, ou a sua idade, mas muitos se arriscavam a dizer que passava dos 80, enquanto outros asseguravam que não teria chegado aos 60, mas que ficara daquele jeito em razão dos dissabores da vida, acontecimentos que curvaram a sua coluna, formando uma corcunda, que ajudou a dificultar os seus movimentos, mas a sua miopia extraordinária contribuía com essa impressão de ser muito mais velha do que era, pois parecia tatear o piso com os pés, e levava os dois bracinhos levemente arqueados à frente do corpo, o que lhe conferia uma aparência de um centenário Tiranossauro Rex.

Suspeita-se que teria sido abandonada pelos parentes, pois ninguém jamais a visitara, e isso criava uma série de especulações: que seria uma milionária

rusa que guardava toda a sua fortuna em barras de ouro escondidas nas paredes; que teria matado o seu amante ao descobrir que ele fugiria para Paris levando sua esposa e filhos; ou que se tratava uma serial killer, e que os petiscos que distribuía para os cachorros seriam os pedaços de suas vítimas, picotados e fritos em um caldeirão, na cozinha de seu apartamento, que ficava no quinto andar do prédio mais antigo de Copacabana.

Bobô tinha o hábito de passar todos os dias pelo bar do Português, onde pedia para encher o seu copinho de alumínio com pequenos cubos de gelo que só ele produzia, em formas de silicone, e saía mastigando com contida felicidade, em direção ao calçadão.

Também era viciada naquele refrigerante de cor preta, que possuía um rótulo vermelho e emaranhadas letras pretas, mas que não se pode dizer o nome para não fazer propaganda, visto que seria altamente danoso a saúde, cujo contato com a boca parecia separar os dentes da gengiva, e comprava todos os dias uma garrafa de 2,5 litros, que abria ali mesmo, na rua, para dar o seu primeiro trago, ainda quente, e isso reforçava a teoria de que ela levava para a sua casa para dissolver as carnes de suas vítimas. E ao final da tarde, independente das fantasias nas mentes de cada um, lá ia ela, até o banco em frente à praia, onde falava “bobô”, “bobô”, “bobô”, “bobô” dezenas de vezes, até o pacote se esvaziar.

# A CULPA É SUA!

Othon Cávado

Em tempos de calmaria, se é que em algum momento o brasileiro se deu ao prazer de conhecer esse estado, as coisas já não são lá muito alvissareiras, que dirá em época de tragédia, destruição e catástrofe. Explico: no Rio Grande, uma terrível calamidade acometeu o estado, com cheias de rios, inundações, desabamentos, mortes, bens arrastados pelas águas e uma tristeza quase não conhecida anteriormente. Muitas explicações são pontuadas aqui e acolá, algumas maldosas e cruéis, outras críticas e insensíveis, ainda outras razoáveis, mas não menos gélidas. A verdade é não haver uma causa predominantemente distinta a torná-la verdadeira ou plausível. Sempre se está a colocar a culpa nisso, naquilo, naquele outro, mas quase sempre a realidade é distendida a fim de satisfazer o gosto pessoal, a impessoalidade da causa, ou ideológica, ou política, ou religiosa, sempre a atingir um grau exagerado de generalização.

Também tenho uma teoria, e acredito, dentro do espectro das possibilidades, a mais crível e aceitável: todas as tragédias naturais, cataclismas, acidentes ou convulsões, revoltas e anarquias se devem, a priori, à minha, à sua, e somente depois, à nossa culpa! Quando Adão caiu da sua condição no Éden, toda a ordem e harmonia se desfez (não por completo, mas o suficiente para a confusão se instalar), contaminada pelo pecado. Sim, o pecado que muitos consideram ilusório e mítico é a causa primeira de todo o caos. Então, seja no Rio Grande, seja em New Orleans, seja no Oriente Médio ou até mesmo em outra esfera cósmica, eu e você somos os agentes a perpetrar o mal. Paulo descreve muito bem essa relação homem-pecado-caos-natureza no livro de Romanos: "Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura se

rá libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora."(Rm 8:19-22)... Caso você seja aquele a apontar para esse ou aquele lado, na direção mais próxima do réu sem os trâmites em julgado, saiba que, a despeito de não estar totalmente equivocado, ainda assim justifica-se a si, ao não se olhar detidamente no espelho.

Neste mundo não existem inocentes, mesmo diante dos discursos mais egoístas e dissimulados de "não tenho culpa", "não fiz nada", "o que tenho eu com isso?", "sou apenas mais uma vítima", etc e etc. Você é tão culpado como qualquer outro pela desordem que há em si e a ordem que não há. Mesmo aqueles, em quem o Espírito faz morada, permanecem em constante luta, não apenas na expectativa de serem salvos, mas de não mais colaborarem para a babel, quando não haverá mais o pecado e o cenário eficaz de produzi-lo.

Tenha isto em mente, e não seja mais um a eximir-se dos erros e transgressões, lançando-os sobre os ombros alheios, quando está apenas a montá-los.

O princípio da cura é saber-se doente. E mesmo não podendo sarar a si, através da consciência de estar enfermo, buscará o antídoto: em Deus e em sua plenitude ordeira, santa e perfeita. Como está escrito:

"O Senhor, que é bom, perdoa todo aquele que tem preparado o seu coração para buscar ao Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não esteja purificado segundo a purificação do santuário."(II Crônicas 30:18d-19)

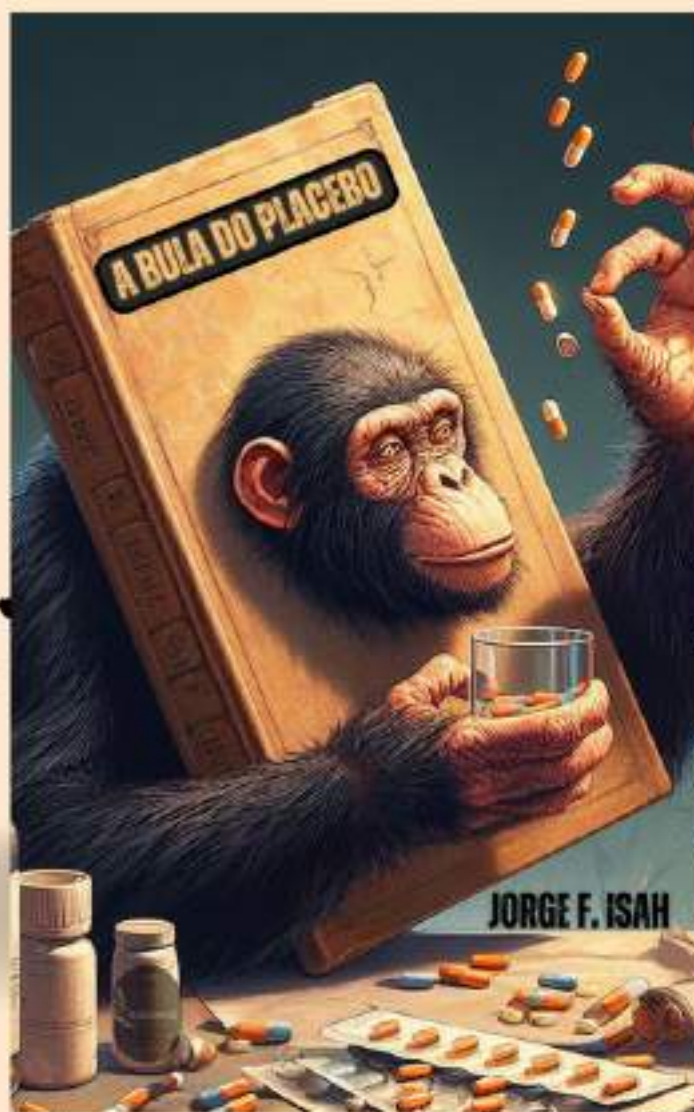
Em outras palavras, segundo a providência divina: "E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração!".

O que ainda espera? Em nome do quê? Em nome de quem?

---

LANÇAMENTO

# “A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

[amazon.com.br](https://amazon.com.br) ou [kalamos.com.br](https://kalamos.com.br)

# O velho e a praia – Parte III



**Jorge F. Isah**

Ele fazia o café matinal, quando Lurdinha abalroou-o como se quisesse atropelar e jogá-lo ao chão.

—Que é isso, mulher?!... Que pressa é essa?!

—Ah, você e sua moleza! Fica pela casa se arrastando e atrapalhando os outros a se moverem... Queria o quê?!... Que eu pedisse licença?!

“Outros”, era o jeito apropriadamente grandiloquente ao referir-se a si mesma, ao não desejar salientar a sua figura, do quanto ele a incomodava com sua calma, parcimônia e detalhismo até mesmo em se locomover. Falar em “outros” agravava ainda mais os erros do marido, sinal de não ser apenas ela a se exasperar, mas, certamente, qualquer um se apoquentaria e, caso estivesse no mesmo grau de igualdade de Antenor dentro de casa, se irritaria e agiria como ela. Infelizmente, os visitantes, parentes e amigos dispunham-se ao silêncio reprobatório, pois, ainda que pensassem, não eram capazes de externar o desconforto diante do langor dele. Já não era apenas moroso; sequer se dava ao cuidado de passos firmes e decididos, preferindo arrastar os chinelos e sapatos como um doente, débil e incapacitado, ou um manquitolá.

Antenor ouviu a mulher perplexo. Não que duvidasse, ou melhor, houvesse ineditismo naquela atitude, pois já havia tempos em que praticamente tudo o que fizesse ou dissesse a enervava, ao ponto de muitas vezes ele perder as estribeiras e gritar, exasperar-se, depois recolher-se ao escritório e ao silêncio. Não foi uma ou duas vezes, mas ultimamente tornara-se parte do convívio. Talvez, o leitor destas páginas imagine uma relação conflituosa e desgastante, mas a verdade é que havia momentos de ternura, mimos e sodalício, em uma proporção muito maior em relação aos bafafás e rusgas... Ele não era fácil, reconhecia; tinha lá o seu quinhão de chatura... Gostava das coisas em ordem, de privacidade e rotina. Mesmo um passeio à praia, o almoço em um restaurante ou a ida ao supermercado, era meticulosamente preparado com antecedência de um ou dois dias, às vezes mais. O fato de ser metódico tornava Lurdinha mais impaciente e disposta a exagerar no afobamento e correria. Como se assim pudesse superá-lo em algum defeito. Era meio uma disputa de quem molestava mais o parceiro. Para complicar a já tensa situação, os seus gostos eram quase diametralmente opostos. Ela gostava de sair, se divertir, estar rodeada de gente, parti-

kipar de eventos gratuitos como queima de fogos, inaugurações públicas, comícios, atividades em grupos de terceira idade e coisas do tipo. Ele, ao contrário, tinha a sua casa como o lugar sagrado, protegido, e onde não importava de dispor o seu tempo: perscrutar a biblioteca, cujos livros já foram em número muito maior, mas a mudança tornou inevitável a venda de profusos títulos, e acerceu-se apenas dos considerados inalienáveis, algo em torno de mil exemplares. Também escrevia coisas dispersas, sobre vários assuntos, esmerando-se na escrita e, talvez, a plagiar esse ou aquele autor mais admirado. Sem contar os projetos, empreendidos muitas vezes de maneira aleatória, um tipo de exercício mental, a maioria inconclusa e abandonada tão logo a descobrisse ordinária e banal, ou improfícua.

—O que está fazendo?

No jeito de expressar-se, havia indícios de não ter dissipado a zanga e o excesso.

Antenor permaneceu quieto, como se concentrado em bater os ovos na tigela, à perfeição do maior entre todos os chefes culinários, fosse algo dogmático e basilar.

—Por que não responde, porta?

Quando ouviu “porta”, teve o desejo de rir; achava a expressão singular e engraçada, principalmente saído da boca dela. Preferiu, contudo, seguir a misturar as claras e as gemas, acrescidas de curry, bicarbonato, sal do himalaia, páprica picante e uma colher de aveia, e de que mais nada seria capaz de desviá-lo do foco e do esforço de conceber o melhor de todas as omeletes já criado... Na verdade, o que chamava “omelete” era uma reles panqueca.

—Não sei por que perder meu tempo...

Ela não estava jogando a toalha, muito menos a constatar o inevitável. Do seu jeito, à maneira de muitos coachs e cheerleaders, o desejo era provocar nele uma reação menos desprendida e mais expressiva, já que a velha máxima do “quando um não quer, dois não brigam” não fazia jus àquele casamento, quanto mais naquele momento.

—Olha, não quero conversar. Na verdade, perdi o apetite...

Jogou o fuê na pia e deixou a bandeja com os ovos quase às portas do bojo. Era sempre assim, a tentação acabava vencendo o esforço em não se irritar e ceder às provocações. Certa vez, um amigo, pastor, lhe disse:

—O primeiro campo de batalha espiritual é a

nossa casa. Não é a rua, a igreja, o trabalho, mas o lar. É lá que o diabo investe todos os seus esforços em destruir a harmonia, tolerância e tornar as relações insalubres. Após iniciado o processo, ele não precisa mais interferir, e deixa a coisa toda por conta daquilo de pior a existir nas pessoas. O start é dele, mas a continuação e o fim são dos homens. Entende por que é necessário reagir? Como o apóstolo disse: “Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado.”

Sempre vinha-lhe à mente essas palavras, e por mais esforço dispendesse em não replicar, ela parecia infeliz enquanto ele não estourava, jogasse e batesse coisas, às vezes praguejar, e assim deixar evidente a revolta e amargura... Saiu da cozinha, foi ao escritório, bateu à porta e fechou-se no ambiente à meia-luz, plácido e hospitaleiro. Ali era o seu lugar de repouso. De sonhos. Reflexões. Projetos. Em meio aos livros, sentia-se como eles: em ordem, cheios de revelações, anseios, mesmo em sua imobilidade. Bastava retirar um e todos pareciam alegrar-se com o gesto. Ele os alisava como a filhos. Adotivos, jamais bastardos. Os lápis, canetas, grampeadores, réguas, suportes, impressora, marcadores e dois e-readers iam além dos meros objetos, sejam decorativos ou utilitários; impossível separá-los de si.

Ah, se o mundo pudesse se resumir a estes doze metros quadrados!... Não precisaria de sol, mar, areia, florestas, água de coco e sorvete. Considerou as iguarias: carne de porco, camarão, frutas e castanhas. Imaginou o mundo sem pizzas, sanduíches, churrascos e petiscos de festas. Amigos, parentes e tantas outras distrações também foram suprimidas. Nem mesmo as viagens de avião que amava, não tanto agora, quando as poltronas eram cada vez mais numerosas e os espaços diminutos, fê-lo imaginar-se fora do quarto. Não sobrou espaço sequer para os jogos de futebol, as sinfônicas e filarmônicas, drama e comédias cinematográficas, passeios de barco, caminhadas e o bacalhau do portuga. Aquele quarto poderia muito bem ser o seu mundo... algo, porém, movia-se no íntimo, a insinuar um romantismo tosco e supérfluo. Estava a glamorizar algo que, definitivamente, não passava de dissimulação, a encobrir suas atitudes e caráter no exagero daquilo a ser-lhe o mais caro e, por que não, seguro. Ali, quantas vezes não se abrigou, em fugas? Ao encontro de amparo e alívio? Sim, ele



era o seu esconderijo e, se necessário, o bunker da sua alma, em meio às fraquezas e destemperos... Veio-lhe à mente os paráliticos, os vegetativos, cujos desejos e ambições foram cortados à raiz, e apenas o respirar já era dádiva e sustento. Havia casos, não muitos, diga-se, de tetraplégicos mais completos do que atletas de alto desempenho. “Como isso era possível?”, se indagava.

Correu os olhos pelas estantes, metodicamente arranjadas, a fruir uma ordem extraída do seu íntimo, como se nelas estivesse a própria vida, todas as necessidades e expectativas, e qualquer desvio ou equívoco, seja de um livro ou prateleira, era uma hecatombe, o caos a tomar conta das paredes, mobiliário, janelas e portas, ruas, trilhas, astros e todas as leis naturais, a parecer outra Queda, outra rebelião contra a ordem, a santidade e soberania, e a misericórdia divinas. Ele seria o velho Adão, a não somente condescender, mas chefiar ativamente o motim, a transtornar a virtude e graça em algo deformado, feio e triste. Não queria... Por que era tão difícil ser como o novo Adão? O Cristo perfeito, santo, virtuoso e sábio? Capaz de

dominar-se e não se entregar aos vícios e à patifaria? Será, por quê? Por nunca relaxar, ao ponto de profanar a si mesmo e ao próximo?... Pela inaptidão ao sacrilégio e o crime?... Dizem que um serial killer está fadado a cometer o crime, independente de resistir ou não. A maioria, segundo os estudiosos, consegue suportar os desejos, a despeito da dor, mas, invariavelmente, dobrar-se-á, cedo ou tarde, porque é algo impossível de coibir. Em algum momento, se entregará à obsessão, e fará a primeira vítima. Depois dela, nada o impedirá de novas mortes, a mitigar os desejos, mas sem domá-los... Em Jesus, não havia vícios e pecados a serem domesticados; ele simplesmente não os tinha; era-lhe impossível ceder ao inexistente, ao nada de defeitos que não havia em seu espírito. A mácula não era possibilidade; havia nele apenas a somatória de todas as virtudes. Uma vez santo, não por outorga, mas por princípio, eternamente santo. O que dizer do Papa? Do mártir? Benfeitor ou herói?... E Lurdinha?...

Em seguida, concluiu:

—E de mim? O que será?!



# UM HOMEM DE SUCESSO



um conto de **Michel Salomão**

Uma cartomante lhe falou que ele alcançaria o sucesso aos 36 anos. Que seria capa jornais e revistas. Mas ainda faltava muito. Ele estava com 20 anos, cheio de projetos e vontades, e não poderia esperar por tanto tempo. Sonhava em ser artista de novela, apresentador de televisão, para ficar rodeado de mulheres bonitas, ser convidado para festas, dar entrevistas, receber prêmios e ganhar muito dinheiro, obviamente, e foi assim que saiu “atirando” para todos os lados, começando por participar de programas de auditório, onde procurava aparecer a todo custo, a ponto de começarem a barrar a sua entrada, mas percebeu que os programas de rádios também tinham muita audiência, e ligava várias vezes, todos dias, até que os apresentadores tiveram que bloquear o seu número, mas ele comprava outros chips, tentava disfarçar a voz e a dar outros

nomes, mas os locutores percebiam que era ele e logo desligavam.

Trabalhou com teatro infantil, animação de festas, telegrama falado, espetáculos adultos, mas em pouco tempo os seus colegas passaram a rejeitá-lo, pois queria ser o centro das atenções, mudava as falas, inventava monólogos malucos, até que ficou completamente sozinho, pois ninguém mais queria trabalhar com ele.

Os anos se passaram e os 36 foram se aproximando, mas ele nem acreditava mais naquela previsão, pois agora trabalhava numa lanchonete, preparando sanduíches em um cubículo escuro e sem ventilação, que tinha uma porta metálica do tipo “vai e vem” que fazia um barulho estridente ao raspar na quina da pia, quando os atendentes afobados vinham buscar os sanduíches e as batatas fritas que ele preparava sem maiores preocupa-

ções com o fator higiene.

Naquela noite de 15 de outubro, finalmente, completaria seus 36 anos, e saiu uma hora mais cedo da lanchonete, às 22 horas, uma espécie de presente de seu gerente, que combinou que compensaria essa hora em um outro dia, e assim foi caminhando despreocupadamente pela avenida principal, quando viu um carro preto, bonito, um Camaro, encostando em frente a uma boate. De seu interior surgiu um gigante parecido com o ex-astro do basquete Shaquille O'neal, e tinha em suas mãos um revólver de cano longo, que mais parecia um canhão, e ele empurrou os seguranças, chutou a porta e entrou na boate, saindo logo em seguida puxando uma mulher belíssima que vestia uma roupa dourada extremamente colante, com um decote que ia até o umbigo, e na parte traseira havia umas "rugosidades" que destacavam ainda mais o tamanho de seu órgão sentador.

O gigante arrastou a mulher até o carro, e neste momento surgiu do nada uma Lamborghini verde neon, que freou bruscamente a alguns metros da porta da boate, e dois homens saltaram atirando com suas submetralhadoras. O gigante largou a mulher e correu em direção ao aniversariante, que assistia a cena aparvalhado, momento em que chegaram cinco carros da polícia, e uns vinte policiais desceram gritando para o gigante jogar a arma no chão, mas ele parecia não escutar. Após um longo silêncio, deu a entender que

obedeceria ao comando, mas em seguida puxou o homem pelo pescoço e o usou como escudo, gritando para os homens da lei que atiraria nele, caso se aproximassem.

O refém teve vontade de explicar para o gigante que aquele era o dia de seu aniversário de 36 anos, que a cartomante previu que seria quando se daria uma reviravolta em sua vida de fracassos, mas o outro não parecia acreditar em ilusionismos, e preferia forçar o cano da arma em seu queixo, o impedindo de falar qualquer outra coisa.

As negociações vararam a madrugada, e pela manhã as redes de televisão, de rádio, os jornais impressos e a internet mostravam com detalhes as negociações envolvendo um famoso traficante internacional que teria tirado à força, da Boate Brink's, a sua namorada, uma famosa atriz e cantora de funk, quando foi surpreendido pela polícia, e em seguida resolveu pegar um refém, segundo eles, um morador em situação de rua, mal sabendo eles se tratar de um aspirante a ator e apresentador de TV, cujo aniversário marcaria, de acordo com a cartomante, o início de uma nova fase de sua vida, com o tão almejado sucesso que tentou buscar incansavelmente durante 16 anos.

Às 10 da manhã o sol já estava escaldante e os atiradores de elite se posicionavam sobre as marquises dos prédios, prontos para atirarem com precisão milimétrica ao comando de seu superior, mas o gigante fazia exi-

gências descabidas, como a presença de um senador amigo seu, que jamais iria até o local, pois aquele era ano eleitoral e não pegaria bem ser associado ao tráfico de drogas que o elegeu.

As conversas não estavam prosperando, e o gigante transpirava muito, com sua camisa Armani preta comprada em um Outlet de Orlando, e assim engatilhou a arma, quando o sniper que estava 150 metros à sua frente foi autorizado a atirar, mas no exato momento em que iria acionar o gatilho, uma gota de suor escorreu para o seu olho que estava na mira, e

o tiro saiu alguns centímetros à direita, acertando em cheio a testa de nosso anônimo aniversariante.

Isto foi notícia em todos os jornais da época, com os programas sensacionalistas tentando descobrir quem era aquele homem que estaria na hora errada no lugar errado, e até chegaram a divulgar alguns vídeos amadores, descobriram algumas de suas aparições em programas de auditório e trechos de suas peças, e o caso ficou tão famoso que ganhou uma mini série na NETLIX, com Rodrigo Santoro fazendo o papel do refém.



# Bolinhos de Banana

Natan de Oliveira

## PRELÚDIO...

Uma pessoa fraterna da família que sempre se hospeda conosco, sofre já de longa data de hemorroidas.

Que ninguém sofra deste horrível padecimento.

Minha Mãe, sempre uma acolhedora de primeira grandeza, separou para esta pessoa, bacias, onde é feito um tratamento de lavagem da hemorroida para aliviar a dor e o mal-estar.

Dito isto...

...

## ATO...

A Igreja era próxima da nossa casa...

As pessoas silenciosas vinham conversando entre si em pequenos grupos...

Lentamente conversando com tristeza...

Mas também com esperança na eternidade...

Algumas pessoas falavam...

Outros diziam...

Outras murmuravam...

Outros exprimiam desejos...

"Como tinha sido linda a cerimônia..."

"Como tinha sido quente a cerimônia..."

"Como tinha sido demorada a cerimônia..."

"Eu quero que comigo seja assim, de ataúde fechado, também não quero que ninguém me veja morto..."

E assim os murmurinhos iam se perdendo na noite enquanto aqueles corações tristes pela partida do finado, compartilhavam entre si as impressões da cerimônia que tinha se encerrado, ali naquela pequena e linda Igreja das proximidades da casa.

Aos poucos foram chegando na casa de minha Mãe, e se assentando ao redor da mesa e logo também aos arredores da mesa em sofás e onde mais fosse possível.

E as conversas giravam num assunto só, a partida do agora saudoso, que a todos "olhava" a partir de um retrato grande dele que havia na parede ao lado.

Então minhas primas, mulheres notáveis, preocupadas com o abatimento emocional de minha Mãe, prontamente assumiram a cozinha e saíram procurando ingredientes, panelas, pratos e outros utensílios para dar alimento para aquela "multidão" triste que se acumulava no recinto.

Em pouco tempo a mesa estava farta com refrigerantes, cafés e bolinhos de banana com canela, sem canela para os chatos para comer, sem banana com canela, e só bolinho sem canela.



Não sei se por causa da tristeza, da explosão de emoções que a cerimônia e últimos dias tinham afetado a todos, uns mais outros menos...

O fato é que todos famintos devoraram aquelas deliciosas quitutes.

E saciados parece que a tristeza de cada um foi diminuída pelo menos um pouquinho.

Minas primas serenas, sorridentes, felizes por de alguma forma contribuir para aquele triste momento da família.

Nisso por último, de carro, chega minha Mãe desfalecida de tristeza, olhando para o vazio, andando insegura entra no recinto, e ninguém sabe porque entra na cozinha e olha para a pia ainda não lavada com a louça que se acumulava...

Posso ser impreciso nos fatos, pois estava ainda devorando alguns bolinhos com canela que sobraram na mesa...

Então minha Mãe olha para as panelas e para três bacias que estavam sujas na pia e pergunta...

"Porque vocês estão usando estas bacias...?"

Minhas primas explicam felizes que usaram o que acharam, e as tinham achado perfeitas para amassar a massa dos bolinhos que foram depois fritos.

Minha Mãe arregala os olhos tristes e chorosos e diz...

"Mas essas bacias são as que eu uso para o fulano lavar e fazer tratamento de hemorroidas, sempre que se hospeda aqui..."

...

## EPÍLOGO...

Paro aqui, por vergonha...

Dizem as más línguas que um tio meu comeu 10 bolinhos de hemorroidas.

Os demais um a um estão negando até que comeram.

Eu... Perdi a conta de tantos bolinhos que eu comi.

Primas miseráveis!

Eu sempre soube que não se pode confiar em parente.



# DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

## OS GÊNEROS MUSICAIS E VOCÊ – Parte II

Pois bem, os gêneros musicais constituem um tipo de informação que a pessoa pode ter, pode não ter conhecimento dela, pode saber e não julgar importante ou ao contrário: saber, ter conhecimento e julgar muito importante. Mas, e depois? Quais implicações diretas se têm ao saber essas coisas, e em que esses gêneros musicais influenciam você ou eu? Sabemos que podem e influenciam geração ou gerações de pessoas em um país, ou vários deles.

Começemos, no modo em que podemos diferenciar um gênero musical de outro gênero musical; como podemos distingui-los? Existem alguns elementos a serem observados e que nos ajudam a separar uns dos outros:

A forma como, por exemplo, uma bateria é tocada, ou mais suave, ou mais agressiva, distingue o pop do pop rock, por exemplo.

A forma como alguns instrumentos de cordas são tocados: acústica ou com distorção.

A forma como são os vocais: solos, se são vocais gritados, roucos ou melódicos e suaves; duplas, corais, etc.

Os temas: que assuntos são normalmente abordados e os que são desprezados e quase proibidos de fazerem parte das canções.

O vocabulário utilizado, quais palavras da língua pátria dos compositores são usadas, se provém de um grupo, gueto, se gírias ou bordões, tanto em canções como na comunicação natural entre artistas e fãs; entre os músicos, cantores e o seu público.

Como exemplos podemos observar, o pop e o pop rock, ambos têm uma designação de serem pop, mas há sutis diferenças entre ambos:

No vocal o pop é mais, digamos, limpo, enquanto no pop-rock é ligeiramente mais



rasgado (ou sujo, se preferir);

Na bateria, o rock usa apenas a bateria tradicional, enquanto no pop-rock podem ser adicionadas baterias eletrônicas ou até substituírem as acústicas.

As guitarras no pop-rock são mais raízes, utilizando timbres tradicionais do rock; enquanto no pop podem ser modificadas, sintetizadas, etc. O mesmo acontece com o contrabaixo, no pop-rock mais próximo do rock tradicional, enquanto no pop pode ser totalmente sintetizado.

As letras e temas podem ser mais rebeldes no rock e levadas mais a sério, ou mais dramatizadas do que no pop.

Essas observações e esses detalhes podem ser observados como critérios a todos os demais gêneros e estilos musicais, servindo para registro e descrição de cada um deles, nas suas respectivas diferenças. Ou seja: conhecer e entender as filigranas dos gêneros musicais, além dos elementos fundamentais da música, as famílias dos instrumentos musicais e suas funções na música, não são informações a serem desprezadas. Não se compreende a música, e não se escolhe inteligentemente o que ouvir em música, sem essa base rigorosamente obrigatória.

Sem essa apreensão, se tem compradores de gadgets de som, ouvintes de barulhos, como alguém que escuta mandarim e não apreende qualquer articulação linguística. É rigorosamente posar de bobo e pagar mico! E, milhões o fazem diariamente. O choro é livre, se você não gostou!

Outro exemplo bastante esclarecedor é entre o samba e a Bossa Nova, o qual é um samba. O primeiro é cantado bem alto, para ser ouvido à distância, e os instrumentos são todos tocados com muita energia e volume, de maneira que cada um deve ser ouvido e notado do mesmo jeito que os outros. Na Bossa Nova, o vocal é quase às vezes sussurrado e o violão e todos os instrumentos são tocados com bastante economia sonora. Os temas, ou assunto das canções, ou do cancionário de cada um, diferem grandemente. O samba é mais individual e masculinamente “machista”, enquanto a bossa nova é decididamente mais universal.

Ainda sobre os temas (assuntos das canções ou das músicas) em suas diferentes composições, têm temas ou caracteres mais universais, como o rock, por exemplo. Temas mais universais que fazem parte das experiências das mais diferentes pessoas em todo ou na maior parte do mundo; algo peculiar ou relacionado à vida da maioria das pessoas.

Já o samba prioriza a experiência pessoal dos intérpretes ou dos cantores, em detrimento das experiências universais, das experiências dos outros. O funk, o Rap, o Hip-hop, por exemplo, se ocupam com as relações sociais, entre classes sociais, entre ricos e pobres, pretos e brancos, etc. A experiência individual é considerada em segundo plano, em detrimento dos protestos e análises sociais.

Não por último, pois outras classificações podem ser criadas e outros elementos analíticos e descritivos podem ser escrutinados, existe a relação entre gênero musical, etnia e classe social. Se é verdade que, na maioria dos casos, os gêneros musi-

cais nascem em um gueto cultural, econômico e social, com o tempo vazam, espalham-se, e o que era visto como estranho se torna amigável e normal, e disseminado em várias camadas econômicas, étnicas e sociais variadas.

A canção caipira ou sertaneja é tão querida por trabalhadores e pessoas de cultura simples como pelo latifundiário dono de cabeças de gado ou de potros que, por unidade, valem mais que apartamentos de cobertura em áreas nobres de muitas cidades.

O jazz, nascido em regiões predominante negra de New Orleans, na Luisiana, não foi aceito inicialmente em toda a América, mas após ser apresentado na França, adorado pelos críticos musicais europeus, retornou aos EUA e ganhou o mundo, ostentando o prestígio de música erudita, e assim permanece até hoje, inarredável e definitivo nessa posição de excelência.

Outro exemplo é a Bossa Nova. Influenciada pelo jazz (engraçado que acabou o influenciando mais do que foi influenciada), fruto na evolução natural do samba, apenas mais intimista e de poesia mais sofisticada e, às vezes, rebuscada, sem a pretensão de vozes vigorosas, improvisos repletos de improvisos e exibicionismo, ganhou o mundo, atravessou as barreiras étnicas, sociais, culturais e se tornou “xodó” de europeus a asiáticos, mantendo o título de música popular de excelência, especialmente dos grandes nomes do estilo, como Tom Jobim, João Gilberto, Roberto Menescal, Ronaldo Boscoli, entre outros. Aliás, e é bom que se diga, ninguém conseguiu compor alguma Bossa Nova de maneira genial como as mais conhecidas e clássicas do período áureo, do final dos anos 1950 até fins da década de 1970. De lá para cá, pouca coisa se salva, a exceção de um trabalho ou outro dos grandes nomes do início, e que já não estão mais entre nós. Seria o mesmo que repetir Bach, Beethoven, Haendel, Mozart, Liszt, Tchaikovsky ou Rachmaninoff... todos únicos. E irreplicáveis.

# papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

Não sei se sou digno de ser chamado cristão. Acredito em Jesus e estou convicto de que ele morreu na cruz para nos salvar, que ressuscitou no terceiro dia e que voltará para o Juízo Final. Porém, tenho uma grande dificuldade para cumprir o seu segundo maior mandamento (lembre-se que o primeiro é amar a Deus acima de todas as coisas), que é “amar ao próximo como a ti mesmo”, e isso inclui os inimigos.

Eu não gosto de um monte de gente. Não gosto mesmo: preciso confessar. Não gosto de bandidos, de vagabundos, de gente inconveniente, de gente chata. Sou muito desconfiado, como todo mineirinho, e não me abro fácil com desconhecidos. Malandragem, então, farejo de longe. Antecipo a ação dos meliantes e, se for necessário, dou-lhes uma bela coça. Porém, isto é muito diferente do que Jesus disse e fez, porque amou até mesmo aos seus assassinos, para que não fossem punidos, dizendo: “Pai, eles não sabem o que fazem”.

Não sou daquele tipo ingênuo que diz “venha, seu marginal, pode entrar que a casa é sua”. Olho para determinadas pessoas e adivinho: é safado. E mantenho distância.

Certamente, já errei alguns julgamentos, mas também acertei muitas vezes. Tive mais acertos do que erros. Aliás, um de meus pecados mais

recorrentes é julgar. Ao julgarmos, podemos excluir a possibilidade de ganhar discípulos para Jesus.

Deveríamos estar abertos para discipularmos os “perdidos” e não somente aqueles que já estão nas igrejas, com suas caras lavadas e roupas de festa, e que vez ou outra manifestam suas crises superficiais.

Deveríamos batizar as pessoas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, promovendo curas e expulsando demônios. Jesus nos pediu para fazermos isso. Mas não fazemos.

Tenho outros pecados na coleção, mas asseguro que não faço por maldade: é instinto de proteção. Mas esse instinto pode significar falta de confiança em Deus, pois ele está aí para nos proteger. Ele coloca os seus anjos para nos acompanhar, mas desconfio que, no meu caso, deve ter colocado algumas dezenas deles na minha cola, pois já fui tirado de absurdas enrascadas, por várias vezes. E o que faço em troca? Nada!

Acredito que exista muita gente na mesma situação, mas nem se dê conta de que está no caminho errado. É possível que esse meu desabafo sirva para que reflitam e acreditem que a fé não vem somente pelo sofrimento, mas pelo agradecimento. E pelo temor, é claro, pois quem gostaria de perder esta proteção?

Mas não basta ter fé: é preciso obedecer aos mandamentos. Preciso me empenhar mais. Faça isso você também.

# SPOILERS

Neste mês, o Spoiler é duplo, pois vamos comentar sobre duas séries que estão dando o que falar, ambas bem interessantes, mas resolvi ajudar os leitores, contando a eles o final, além de fazer um resumo, que nem esses autores de apostilas de concursos, que tentam sintetizar o conteúdo dos livros em uma ou duas páginas.

A primeira delas é a série da Netflix “Ripley”, uma refilmagem do famoso filme “Plain Soleil”, de 1960, que no Brasil ganhou o título de “O Sol por Testemunha”, e que ajudou a alavancar a carreira de Alain Delon, em uma adaptação do romance “O Talentoso Ripley”, de Patricia Highsmith, escrito em 1955. Em 1999, o filme havia sido encenado por Matt Damon, no papel de Ripley, e Jude Law encarnando o rico Greenleaf, mas não empolgou muito o público e muito menos a crítica.

A série da NETFLIX escolheu os atores Andrew Scott (Ripley) e Johnny Flynn (Greenleaf), o que foi uma boa opção, se somar-



Andrew Scott

mos a isso a excelente direção de fotografia, em preto e branco, capaz de destacar a beleza de cidades italianas como Roma e Veneza. Porém, é proibido se comparar com a filmagem de 1960, por um detalhe, ou melhor, dois: a magnífica atuação de Alain Delon e a direção competente de René Clément.

Scott optou por interpretar um psicopata meio pacato, aparentemente inofensivo, enquanto Delon mergulhou numa psicologia extremamente complexa, com variações de personalidade e olhares fatais, com a melhor atuação de sua longa e consagrada carreira.

Damon, contudo, fez apenas um papel de bobó, fazendo sua habitual cara de trouxa, na refilmagem de 1999. A série atual consegue prender a atenção do espectador do começo ao fim, criando situações de tensão e uma trama cheia de reviravoltas, mas podemos observar uma única falha, que chega a ser estúpida: quando o inspetor vai confrontar (e conhecer) Ripley em Veneza, pois até então pensava que ele era o Greenleaf, e não reconheceu o farsante com o estúpido disfarce de uma peruca e uma barba, apesar de o assassino manter a inconfundível voz mansa e o tom abobalhado que costumava conversar com o policial. Qualquer paspalho perceberia se tratar da mesma pessoa.

Só agora esqueci de explicar para o espectador que Ripley é um estelionatário vagabundo que é contratado pelo pai do playboy Greenleaf para tentar convencê-lo a voltar a Nova York, mas ele acaba gostando de levar uma vida de rico e resolve assumir a identidade do outro, após ser rejeitado



Alain Delon



pelo casal (Dickie tem uma namorada, Marge, que não vai com a cara do “amigo” e deixa isso claro desde o princípio).

Aproveitando que o ricaço o chama para um passeio de barco para lhe dar a notícia de que vai aplicar um pé em suas nádegas (veja que ideia de asno), Ripley dá umas “remadas” na cachola do outro e se desfaz do corpo, afundando-o com uma espécie de “âncora”.

No final (não se esqueça que esta coluna é chamada “spoiler”), o inspetor descobre que Ripley havia assumido a identidade de Greenleaf, após ver a foto do outro em um livro de memórias, lançado pela Marge. Mas fica por isso mesmo, porque pode haver uma nova temporada...

Também da NETFLIX é a série Coreana “The 8 Show”, possivelmente, tentando pegar a onda daquela que foi o maior fenômeno do streamer, “Round 6”, mas também com algumas nuances de “Alice in Bordland” e “O Poço”. Oito pessoas desesperançadas com a sorte são colocadas em uma espécie de “Big Brother”, em um ambiente isolado, formado por um pátio que tem uma piscina vazia e de onde se vê uma escadaria que dá acesso a 8 andares, onde estão os quartos dos participantes. A cada um deles é dada a opção de escolher do número de seu alojamento, mas logo eles percebem que não existe uma “isonomia” nessa escolha, pois os quartos dos andares superiores são mais espaçosos e seus ocupantes ganham prêmios bem maiores do que estão abaixo.

A série nos leva a questionar várias



Matt Damon

coisas como capitalismo e do socialismo, caráter, loucura, privação, entre outras sensações esquisitas, nos fazendo refletir sobre o que agiríamos em uma situação dessas. Mas existem algumas condições para os participantes permanecerem no jogo e ganharem os prêmios: precisam manter os seus defecos em seus próprios quartos e qualquer coisa que precisam comprar custa 100 vezes o valor real.



Cada participante ganha, por minuto, um valor proporcional ao andar em que se encontra, mas precisam aumentar o seu tempo de permanência no local, e a princípio acreditam que basta subirem e descenderem as escadas por várias vezes, depois entendem que precisam se surrar, e as práticas vão ficando cada vez mais bizarras e brutais, até que se formam dois grupos, um dominante outro dominado, e o poder vai sendo alternando com extrema violência, quando estão em foco o poder, a cobiça, a traição e a lealdade. No último episódio, o competidor número 1 morre e cada qual volta para a sua vida comum, cada qual carregando os seus traumas.



# coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

**Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.**

*Nelson, sofro de um severo caso de flatulência, e por isso não posso ir ao cinema. O que eu faço?*

**NELSON** – Use Superbonder no escapamento, mas espero que não se incomode, caso comece a arrotar com mais frequência.

*Perdi a minha virgindade muito cedo e agora vou me casar. O meu noivo disse que não vai me aceitar se eu não for virgem, e estou desesperada. Me ajude!*

**NELSON** – Existe uma receita muito antiga que consiste em pegar uma fatia finíssima de um bife, aí você coloca lá no buraquinho, depois pega uma bombinha e tira a pólvora dela e põe lá no meio. Quando ele for usar a coisa, vai dar um estourinho e você grita: "oh, perdi a minha virgindade!" Mas não exagere na pólvora, ou será ele quem vai gritar: "oh, perdi os meus bagos!"

*Tenho 35 anos, moro com meus pais e não tenho emprego. Já tentei ser jogador de futebol, MC e influenciador digital, mas nunca consegui me dar bem. Não sei mais o que fazer.*

**NELSON** – Pelo que vejo, você só buscou exercer atividades importantes, e parece ter talento. Por quê não tenta ser Presidente do Brasil? Para isso só vai precisar cortar um de seus dedos.

*Nelson, tenho um vizinho, que mora ao lado de meu barraco, na comunidade, que fica escutando funk no talo, até altas horas da madrugada. Já pedi educadamente para parar, e o máximo que consegui foi uma tijolada na cabeça. Estou perdendo as esperanças.*

**NELSON** – Peça outras vezes, junte os tijolos que lhe jogar e os utilize para ampliar o seu barraco. Aproveite para colocar uma manta acústica, pois isso deverá resolver o seu problema.

*Procurei uma cartomante, que falou que estou com um "encosto", e por isso minha vida não dá certo. Ela falou que eu tenho que me desfazer da minha casa, do meu carro e de todo o dinheiro que tenho guardado no banco, para me ver livre dele. Será que eu faço isso?*

**NELSON** – Aproveite para se desfazer também dessa cartomante, porque ela é o seu maior "encosto".

*Sou empresário, tenho cinco lojas e 70 funcionários, mas sinto que a economia no Brasil vai de mal a pior. Nas próximas eleições, não sei se votarei em um candidato da esquerda ou da direita.*

**NELSON** – Se, diante dessa situação, você ainda está em dúvida, vote na esquerda, pois assim não precisará mais se preocupar com as suas lojas e muito menos com os seus funcionários. Terá apenas que arranjar um papelão e um cobertor, para se acomodar na rua, junto com os outros mendigos.

*Nelson, eu não sei se me caso ou se compro um carro.*

**NELSON** – No seu lugar, compraria um carro, pois teria como fugir. De um casamento, não.